

Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de assinatura dos contratos para construção dos 10 primeiros navios da Transpetro

Suape-Pernambuco, 31 de janeiro de 2007

Meus queridos companheiros e companheiras do estado de Pernambuco,

Meus caros companheiros ministros,

Meus caros companheiros diretores e diretoras da Petrobras,

Meus caros companheiros dirigentes das empresas Camargo Correa e Queiroz Galvão,

Meus caros companheiros deputados federais, deputados estaduais, secretários de Estado,

Meus amigos e companheiros diretores do BNB,

Diretores do BNDES,

Meus queridos companheiros,

Quero cumprimentar o nosso general de Exército Francisco de Albuquerque, comandante do Exército e general Enzo, porque nós estaremos saindo daqui e vamos a Parnamirim, no Rio Grande do Norte. Estamos começando a concretar a BR-01 e depois nós vamos a Crateús inaugurar a segunda maior fábrica de produção de biodiesel do nosso País.

Queria cumprimentar especialmente os companheiros trabalhadores que estão aqui presentes, os presidentes dos sindicatos Alberto Alves dos Santos, do Sindmetal; Ariovaldo Rocha, do Sinaval; Hélio Seidel, da FUP, Federação Única dos Petroleiros; e Severino de Almeida, do Sindmar. E por que eu estou cumprimentando apenas, nominalmente, os trabalhadores? Porque o gesto que estamos fazendo aqui é um gesto para dizer aos trabalhadores brasileiros aquilo que eu aprendi a vida inteira: não tem nada mais sagrado na vida de um homem ou de uma mulher do que trabalhar e no final do mês, com o suor do seu trabalho, levar para casa o pão de cada dia, a roupa das crianças, o brinquedo, e até alguns presentes nos momentos em que ele pode dar.

Recebi um bilhete agora, que está aqui, e aí eu tenho que fazer uma deferência toda especial, eu não vi até agora o nosso querido Ariano Suassuna. Seria infinitamente melhor se ele estivesse aqui no meu lugar para contar uns casos, ao invés de vocês ouvirem o discurso.

Quero agradecer ao nosso querido Eduardo Campos, não só pela colaboração e companheirismo histórico que nós temos, mas pelo trabalho que ele prestou no meu primeiro mandato, como ministro e como deputado.

Quero agradecer a compreensão da imprensa brasileira pelo lançamento do PAC. Quero agradecer a compreensão do povo brasileiro e dizer para vocês que eu não acredito que tenha qualquer cidadão brasileiro contra o PAC. Eu duvido que tenha no Brasil um homem ou uma mulher contra o PAC, porque o PAC não é um projeto do presidente da República, o PAC não é um projeto do governo, o PAC é apenas o atendimento das necessidades do Brasil que nós descobrimos, em função das demandas dos próprios governadores de estados, durante o primeiro mandato.

O PAC não atende especificamente às necessidades individuais de cada estado, o PAC é um programa de integração, uma combinação entre a complementação de obras, por exemplo, da rodovia com a ferrovia, da ferrovia com a hidrovía, e de tudo isso com portos e com aeroportos. Da mesma forma, pretendemos fazer com que o PAC seja apenas o compromisso das obras consideradas prioritárias para o País, sem deixar de reconhecer que os governadores têm outras obras importantes nos estados, por isso vai ser preciso criar o PAC estadual, o PAC municipal, o PAC social, o PAC educacional, o PAC tecnológico, ou seja, agora é o que eu disse lá em Davos, agora ou vai ou racha, porque não há tempo a perder. Nós não temos tempo mais de ficar falando mal de qualquer pessoa, nós agora temos que ter consciência de que o Brasil chegou a uma situação, eu diria, excepcional, como poucos momentos viveu na sua história, com a combinação de uma política macroeconômica, que deu ao Brasil todas as credenciais para permitir que o presidente da República, em qualquer lugar do mundo em que esteja, possa dizer: o Brasil criou as condições para, daqui para a frente, crescer de forma vigorosa, com muita responsabilidade, porque o crescimento não significa a farra do boi, não significa gastar o que a gente não tem, porque se a gente gastar o que não tem, a gente pensa que está fazendo investimento e

está fazendo dívida, e um dia nós vamos ter que pagar essa dívida e já temos experiência com o crescimento da década de 80 ou com o milagre brasileiro.

Do nosso ponto de vista, não interessa o crescimento apenas pelo crescimento. Este País já cresceu 13,94% ao ano em 1973, e o salário mínimo decresceu 3,4%. No tempo de Juscelino, este País cresceu em média 7% ao ano, e o salário mínimo não acompanhou esse crescimento. O milagre é a gente trabalhar com a responsabilidade de permitir que o crescimento do PIB e o crescimento da economia signifiquem também o crescimento da melhoria da qualidade de vida de 190 milhões de brasileiros, sobretudo daqueles que vivem do trabalho. É para isso que nós queremos crescimento.

O crescimento não é apenas para mostrar que o PIB cresceu ou que a produção industrial cresceu. Tudo isso é maravilhoso, mas mais maravilhoso é a gente poder mostrar que o PIB cresceu, a indústria cresceu, a agricultura cresceu, mas também cresceu o salário daqueles que são responsáveis pelo crescimento do PIB e pelo crescimento do nosso País, que são os trabalhadores e trabalhadoras do nosso querido Brasil.

Meu caro governador Eduardo Campos, o PAC prevê um investimento, até 2010, de praticamente 504 bilhões de reais. Se nós imaginarmos, e os empresários depois podem falar, se entrar da iniciativa privada, para cada real do governo, se colocar um real da iniciativa privada, nós poderemos chegar, com uma certa facilidade, a 1 trilhão de reais de investimentos. Isso não é apenas um sonho, isso pode ser transformado em realidade se nós estivermos convencidos de que houve um tempo em que a gente dizia que o Brasil não podia crescer por causa do FMI. Em um outro tempo a gente dizia que o Brasil não podia crescer porque o mercado internacional estava vivendo um processo de desaquecimento. Houve um tempo em que a gente dizia que não podia crescer porque não tinha projeto e houve um tempo em que se tomou uma determinação de terceirizar o País. O País foi terceirizado, os governantes entendiam que tinha havido um tal de Consenso de Washington, que ninguém tinha lido, mas se era de Washington era bom, e para mim o consenso é do sertão nordestino, é de Brasília, é de São Paulo, é do Sul deste País, é esse o consenso que nós precisamos construir para termos a sabedoria de ouvir quais são as nossas necessidades para, a partir daí, começar a trabalhar.

No PAC nós estamos destinando praticamente 80 bilhões e 500 milhões

de reais aqui para o Nordeste. Mas o PAC não pensa apenas a indústria, a estrada, o navio, os portos, os aeroportos ou hidrelétricas. O PAC pensa também em infra-estrutura de caráter social, saneamento básico e habitação, onde estaremos colocando praticamente 140 bilhões de reais até 2010.

Bem, ao lançarmos o PAC, quem assistiu o lançamento ou quem acompanhou percebe que poucas vezes na história do País, poucas vezes, um programa foi lançado com a consistência técnica e econômica com que nós lançamos o PAC. É por isso que nós demoramos. Você sabe aquele jogador que tenta passar a bola rápida e passa no pé do adversário? Ou aquele que tenta passar e não passa? Nós não quisemos fazer nada precipitado. Era para ter lançado o PAC antes de dezembro, depois eu pensei: bom, a cabeça do povo não está no PAC, está no Natal, está nas festas de fim de ano, então, vamos esperar começar o ano e vamos lançar o nosso Programa de Aceleração do Crescimento, porque ele vai permitir que a sociedade tenha uma compreensão, e eu acho que a imprensa tem contribuído para que o povo perceba o que está acontecendo no PAC.

A outra coisa que eu considero extremamente importante, é que o ato de hoje, não é apenas um ato histórico, porque nós estamos aqui assinando esses contratos para construção de 10 navios. O fato de hoje é histórico porque nós estamos dizendo ao mundo que o Brasil, em tecnologia de construção de plataforma, em tecnologia de construção de navios, não deve a ninguém no mundo. Não basta dizer que os coreanos produzem mais do que nós, eles produzem mais do que nós porque um dia, teve alguém que, de forma irresponsável, disse que o Brasil não ia mais produzir navios e ia terceirizar a nossa frota de navios. É por isso que a gente não vê mais navio com a bandeira brasileira, é por isso que a gente não vê mais navio aqui com trabalhador brasileiro, e vocês sabem o orgulho que um brasileiro sente quando está no exterior e vê uma bandeira do Brasil em qualquer lugar.

Eu fico imaginando daqui a 20 anos, o presidente da República que estiver governando este País, ou governador, chegar na China e estar lá um navio ancorado com a bandeira do Brasil, com trabalhador brasileiro, com o suor do trabalhador brasileiro.

Então, Eduardo, é uma alegria eu começar o PAC por Pernambuco. Tem gente que acha que eu tenho preferência por Pernambuco, eu não tenho

preferência, eu tenho uma razão sanguínea para tratar Pernambuco com a fidalguia que eu trato. Agora, o meu carinho e a minha consciência é de que o Nordeste precisa se desenvolver de forma equânime, de que nós precisamos dar um tratamento ao Nordeste, em função da particularidade de cada estado e de cada microrregião, em função daquilo que é possível fazer nos estados nordestinos.

Obviamente que o estado que tem um porto, como tem Suape, que as empresas resolveram fazer aqui em parceria com o governo do estado, fazendo o que tem que fazer, com o BNDES fazendo financiamento, com a Petrobras contratando, obviamente que quem tem um porto de Suape pode ter um dique seco, pode ter um estaleiro e pode ter muito mais coisas aqui.

Nós também queremos dizer para os companheiros deste País, que o Congresso Nacional teve uma contribuição importante para as coisas que estamos fazendo. Vocês estão lembrados que no final do ano eu disse que era preciso destravar o País. Destravar o País significa a gente fazer mudanças em grandes artigos, em pequenos artigos, até em vírgulas que, às vezes, acontecem antes do “d” ou depois do “d” e que isso tem um significado enorme para um burocrata que vai analisar se pode ou não pode. Nada contra o burocrata porque, no fundo, no fundo, ele está cumprindo a determinação da lei e, portanto nós temos é que mudar a lei para mudar o comportamento. E quando eu disse que era preciso destravar o País, é preciso que a gente tenha compreensão dos prefeitos, é preciso que a gente tenha a compreensão dos governadores, é preciso que a gente tenha a compreensão de deputados e senadores, de governadores de estado, da imprensa e da sociedade brasileira, porque uma sociedade não é movida apenas a projetos concretos, é movida também a crenças, a auto-estima, em o povo perceber que ele pode ser a válvula pela qual a economia brasileira não vai parar mais de crescer.

Quero terminar dizendo aos companheiros que acontece uma coisa que o povo não sabe. Noventa e cinco por cento das cargas exportadas pelo Brasil, são feitas por navios. Já disse o Sérgio Machado, apenas 4% de tudo que nós exportamos ou importamos é de navio brasileiro. Daí por que quando a gente vai fazer a contabilidade no final do ano, de entrada e saída de dinheiro, a gente se depara com uma triste realidade, de um déficit na balança comercial de 7, de praticamente 8 bilhões e meio de dólares, que poderiam ter sido pagos

a empresas brasileiras, a navios brasileiros, a empresários brasileiros, pagar salários brasileiros, para a gente poder transportar. A empresa, só a Petrobras utiliza 140 petroleiros, dos quais apenas 47% fazem parte da frota própria da Petrobras. Haverá um dia que nós poderemos ter um navio que não seja da frota, por excesso de exportação ou por excesso de importação, mas nós precisamos ter todos os navios de que nós precisamos para transportar a nossa riqueza.

Não é possível que a gente não tenha consciência que o Brasil não pode ter encomendado o último navio em 1989. Foi o Navio Livramento, que foi encomendado em 1989 e foi entregue apenas em 1996. Essa encomenda tinha sido feita bem antes. Portanto, era preciso um vento de travessia para romper com essa paradeira, e ele chegou. O seu nome agora é compromisso com a Nação, seu nome é planejamento público das prioridades nacionais, seu nome é manejo responsável dos recursos disponíveis, seu nome, enfim, é política de desenvolvimento voltada para o conjunto da sociedade, isso chama-se programa de aceleração da economia.

O vento de hoje ilustra essa consciência histórica que sopra como um vento de popa na nossa economia. A esperança não é mais uma vela arriada no porto, é uma travessia com rumo certo e mão firme no leme. Vai garantir um índice de nacionalização de 65% das encomendas, e o José Sérgio sabe, o Sérgio Machado sabe, que quando a gente se compromete a utilizar 65% de índice nacional, a gente termina obtendo 70, 75, 80%, como em alguns casos, de parte das plataformas. Vai gerar uma demanda de 290 mil toneladas de aço, 125 mil toneladas de tubos, cerca de 2.200 quilômetros de cabos elétricos e 6 milhões de litros de tinta para o acabamento dos navios que vamos fazer aqui em Suape. É por isso que se diz que a construção de um navio equivale ao surgimento de uma nova fábrica na economia nacional. É por isso também que o governo, a Transpetro e o BNDES não pouparam esforços para regionalizar esse Programa. É importante lembrar, Eduardo, que é difícil, porque cada estado quer que tudo seja feito no seu estado. É verdade, cada estado acha que o presidente da República tem que definir a obra para cada estado, é como se o presidente fosse um pai de 27 filhos e um quisesse ter privilégio sobre o outro. E todo mundo que é pai sabe que um filho, Renata, você que é experiente nisso, não é nossa primeira-dama?, sabe que uma mãe e um pai

não podem ter preferência por um filho, por mais dengoso, por mais bonito que ele seja. Todos os estados têm que ser tratados em condições de igualdade, só que tem alguns que precisam mais do que outros e são esses que nós precisamos tratar.

Muitos chegaram a dizer: “é mais barato comprar navio no exterior do que erguer um novo estaleiro no Porto de Suape para garantir a participação do Nordeste no projeto”. Não é essa a nossa visão de desenvolvimento, nem é essa a visão de país que orientou o investimento de 504 bilhões de reais, previsto no nosso programa de aceleração da economia. Nossa lógica é outra, e é por ser outra que o PAC destinou ao Nordeste o espaço que o Nordeste tem o direito de ocupar no Brasil. Eu sonho em ver o Nordeste brasileiro ser tratado, nordestinos e nordestinas, nem mais e nem menos, apenas iguais aos outros milhões de brasileiros que moram em regiões melhores que o Nordeste, do ponto de vista do desenvolvimento. Esse direito significa mais de 80 bilhões e meio de investimento de infra-estrutura no Nordeste. O povo nordestino ficará também com 36% dos investimentos previstos em saneamento básico, habitação popular, Luz para Todos e obras hídricas. Nesse período, 36% dos investimentos virão para a região Nordeste. São mais 43 bilhões de reais que virão para o sertão, o agreste e o litoral, em obras que beneficiam diretamente o povo do campo e da cidade.

A atenção e o cuidado com o Nordeste não é um favor do governo, muito menos do presidente da República, é uma prova de coerência, de um plano de governo que enfatiza a repartição social e regional da riqueza e não compactua com privilégios, nem com a exclusão de modelos anteriores de desenvolvimento. O Nordeste tem quase 30% da população brasileira. Metade das famílias mais pobres do País vivem aqui, quase 50% dos brasileiros do Nordeste ganham salário mínimo.

Portanto, a aceleração do crescimento econômico tem que passar pelo Nordeste e o Nordeste tem que passar por um ciclo de prosperidade com distribuição de renda, porque o Brasil todo vai ganhar com o desenvolvimento do Nordeste. Essa é a diferença entre um plano de desenvolvimento e uma lista de obras, ou uma lista de promessas técnicas. Essa é a diferença entre o planejamento público comprometido com a nação e a terceirização da vontade nacional, que vinha sendo colocada em prática.

A diferença é que agora nós temos metas e projetos que se harmonizam e se reforçam, temos recursos públicos garantidos, gestão competente, data para começar e prazo para terminar. Estamos falando, meus amigos e minhas amigas, não só dos navios da Transpetro, mas também da refinaria binacional de Abreu e Lima, aqui em Suape, que se Deus quiser, em julho estarei aqui com o José Sérgio Gabrielli, com o presidente da PDVSA, o ministro Ramírez, e com o presidente Chávez, liderados pelo nosso governador, para que a gente comece a terraplanagem no terreno para construir a refinaria.

Estamos falando também do gasoduto Cacimbas/Catu, o famoso Gasene, de investimento de mais de 500 milhões de reais, e já garantimos a implantação de 1.660 km de tubulação. Estamos falando ainda da duplicação da BR-101 Nordeste, um projeto que vai beneficiar do Rio Grande do Norte até a Bahia. Eu ainda não falei aqui da Transnordestina, que já começou a ser feita e se Deus quiser, junto com o Eduardo Campos, vamos fazer um passeio, ainda nesse mandato.

Meus amigos e minhas amigas,

O conjunto destas obras, que incluem ainda o biodiesel, recoloca a economia a serviço de toda a sociedade. Portanto, estendo a todos os brasileiros o direito de compartilhar da riqueza nacional. Ideais e sonhos de muitas gerações renascem mais fortes nesse programa. Porém, o espírito republicano de harmonia regional é o mesmo que marcou um dos símbolos dessa luta. Falo de um nordestino, filho da Paraíba, um homem público exemplar que lutou pelo Nordeste porque amou o nosso País e morreu acreditando na capacidade de nossa gente de comandar a construção do seu destino. Falo do nosso saudoso professor, companheiro, mestre, o nosso irmão Celso Furtado, que não está mais entre nós.

Queria dizer, antes de terminar, Eduardo e companheiros de Pernambuco, que tem uma revolução em marcha neste País chamada biodiesel. Possivelmente, nem todas as pessoas ainda tenham dimensão ou estejam familiarizados com a palavra biodiesel. O biodiesel não é a negação do petróleo, ele é a complementação de uma política energética que vai permitir que ao invés de a gente tirar óleo apenas de um poço da Petrobras de 4 mil metros de profundidade, a gente vai cavar uma covinha de 30 cm ou de 20 cm, vai plantar um pé de mamona, um pé de pinhão manso, um pé de girassol, um

pé de dendê, um pé de soja, e a gente vai poder, sem precisar cavar 2 mil metros, apenas estender a mão e começar a produzir o biodiesel do futuro, porque se nós quisermos despoluir o planeta, o Brasil pode ser a força motor dessa nova matriz energética que o mundo precisa.

Os Estados Unidos estão produzindo etanol de milho, sai praticamente 3 vezes mais caro que o nosso álcool. E milho, na verdade, não deveria ser utilizado para produzir álcool, mas sim para dar comida para as nossas galinhas, para os nossos porquinhos, para os nossos animais, até porque o povo também precisa de muita proteína para sobreviver, e poderia estar produzindo álcool de cana.

Eu sonho que o Brasil, dentro de 15 ou 20 anos, será o grande centro, a grande matriz de energia renovável no mundo. Não tem nenhum país do mundo que tenha a qualidade que o Brasil tem. Nós, aqui, não temos terremoto, não temos neve, não temos furacão, não temos tufão, não temos nada. Aqui, nós não temos obstáculos a não ser nós mesmos.

E o biodiesel, ele é visto de forma empresarial, portanto, nós vamos precisar de grandes projetos de produção de biodiesel com a soja, com o girassol, com o dendê, mas ele tem uma função social, uma parte dele tem que ser produzida para ajudar o pequeno produtor rural brasileiro. Por isso criamos uma lei que dá benefício ao empresário, que contrata a produção do pequeno produtor, porque não adianta a gente repetir o modelo da cana-de-açúcar no Nordeste, em que a gente tem um usineiro muito rico e seus trabalhadores passando fome na usina, ficando desempregado grande parte do mês.

É preciso mudar a lógica da perversão do modelo de desenvolvimento deste País, porque aquele que tinha, não era democrata, e como eu sou um democrata convicto, acredito na democracia, não como meio, mas como fim, porque somente a democracia é que permitiu que metalúrgico fosse presidente da República, somente a democracia é que permite que a gente possa ter ascensão.

Eu quero dizer para vocês que o nosso modelo de desenvolvimento é tão democrático, vai fortalecer tanto a democracia que o nosso povo vai ser incluído nessa tal de democracia. E para ser incluído nessa tal de democracia, não basta garantir ao povo o direito de gritar que está como fome, é preciso

garantir ao povo o direito de trabalhar, de comer, de estudar e de ter acesso a todas as riquezas produzidas neste País.

Muito obrigado, boa sorte, e viva o nosso estado de Pernambuco.

Leia o release e a entrevista sobre o assunto:

<http://www.info.planalto.gov.br/download/notas/rel300107.doc>

<http://www.info.planalto.gov.br/download/Entrevistas/PR020-2.DOC>